

CONSIDERAÇÕES FILOSÓFICAS SOBRE O LIVRO “O CAPOTE”

Aryane Raysa Araújo dos Santos

As relações entre filosofia e literatura frequentemente se entrelaçam, uma vez que o pensamento filosófico se manifesta na literatura, enquanto esta, por sua vez, reflete os grandes debates filosóficos. Neste ensaio, não nos propomos a delimitar as fronteiras entre filosofia e literatura, pois trata-se de uma tarefa muito extensa, nosso objetivo é explorar como essa relação se desenvolve a partir de duas obras bem específicas que nos propomos comentar. Para tanto, tomaremos como exemplo a novela *O Capote*, de Nikolai Gogol, escrita no século XIX, e a obra *Introdução ao Filosofar: O Pensamento Filosófico em Bases Existenciais*, de Gerd A. Bornheim. Utilizaremos alguns conceitos discutidos por Bornheim para analisar a novela de Gógol, especialmente no que concerne à atitude do protagonista, Akáki Akákievitch, diante do mundo e de sua própria existência.

A novela *O Capote*, publicada em 1842, narra a história de um funcionário público chamado Akáki Akákievitch, cuja vida gira exclusivamente em torno do trabalho. Seu único propósito é copiar documentos. Após o expediente, retorna para casa, consome sua sopa de couve, realiza mais algumas cópias, dorme e, no dia seguinte, repete a mesma rotina. A história começa a tomar um novo rumo quando, devido ao frio intenso, Akáki percebe que seu capote está rasgado. A partir desse momento, inicia-se sua jornada em busca de



consertar a vestimenta. Apesar de sua insistência, o alfaiate sentencia categoricamente: “É impossível recuperar esse trapo; está demasiado velho” (GÓGOL, 2010, p. 20). Esse veredito causa profundo sofrimento a Akáki, que, resignado, economiza para encomendar um novo capote. Quando finalmente o recebe, sua alegria é imensa. No trabalho, é alvo de inúmeros elogios e, em sua homenagem, um subchefe decide organizar uma festa. Entretanto, ao retornar da celebração, dois homens roubam-lhe o capote. Desolado, Akáki busca ajuda junto à polícia e a figuras influentes, mas sem sucesso. Pouco depois, adoece e morre de frio. Algum tempo mais tarde, espalha-se o boato de que um fantasma estaria roubando capotes nas ruas de São Petersburgo. Diz-se que um dos oficiais a quem Akáki pediu ajuda foi atacado pelo espectro do funcionário, que lhe arrancou o casaco.

Em *Introdução ao Filosofar*, Gerd Bornheim discute o problema originário do filosofar a partir de bases existenciais, entendendo-o como um comportamento existencial. Ou seja, a partir das experiências vividas, os indivíduos podem adotar uma postura passiva diante dos acontecimentos ou, por meio das vivências negativas, buscar um sentido para a própria existência.

Inicialmente, podemos afirmar que Akáki Akákievitch vive em um estado que Bornheim, parafraseando Husserl, denomina “postura natural”, ou seja, uma concepção da realidade que é própria a um viver metafisicamente ingênuo e desprovido de um sentido mais profundo. Essa postura natural se manifesta claramente na seguinte passagem:

Akáki Akákievitch não se entregava a nenhum divertimento. Ninguém podia dizer que algum dia já o tivesse visto em alguma festa. Concluindo a gosto duas cópias, deitava-se para dormir; assim ia passando a vida tranquila de um homem que, ganhando quatrocentos rublos anuais, sabia sentir-

se satisfeito com sua sorte e talvez chegasse a uma profunda velhice, não fossem tantas desgraças espalhadas não só pelos caminhos dos conselheiros titulares, como também dos conselheiros secretos, efetivos, da corte e de tudo quanto conselheiros, inclusive daqueles que não dão nem recebem conselhos de ninguém. (GOGOL, 2010, p. 13)

Akáci Akákievitch aceita o mundo como um dado, vivendo dentro de uma moldura preestabelecida e sem questioná-la. Sua existência é dogmática, marcada pela repetição mecânica do cotidiano. Em nenhum momento da narrativa ele reflete sobre sua própria vida.

Bornheim estabelece um paralelo entre essa atitude dogmática e a condição dos prisioneiros na alegoria da caverna de Platão . Os indivíduos que vivem no mundo das sombras são incapazes de enxergar a verdade, permanecendo fixados apenas naquilo que percebem no fundo da caverna. De maneira análoga, Akáci Akákievitch vive tranquilamente em São Petersburgo sem jamais questionar sua realidade. Seu cotidiano é meticulosamente repetitivo: sai do trabalho, janta rapidamente sua sopa de verduras e carne bovina com cebola, copia documentos e, em seguida, dorme, reiniciando o ciclo no dia seguinte.

Além da postura dogmática, a figura de Akáci Akákievitch exemplifica o conceito de “indiferença ontológica”, utilizado por Bornheim para descrever aqueles que não se perguntam sobre a razão da existência ou a natureza do ser.

No entanto, há dois momentos na novela em que Akáci tem a oportunidade de romper com essa postura. Esses momentos correspondem ao que Bornheim chama de “experiência negativa”, uma possibilidade de ruptura com a existência dogmática. O primeiro ocorre quando Akáci leva seu capote ao alfaiate Pietróvitch e descobre

que a peça está irremediavelmente desgastada. A resposta do alfaiate o abala profundamente:

Uma vez na rua, Akáki parecia sonhar. ‘Que coisa! – dizia a si mesmo –, palavra que nunca pensei...’ - Mas em seguida, depois de uma pausa, acrescentou: ‘Pois é! Eis em que isso acabou dando, e eu, palavras, nem poderia supor que desse nisso’. Veio um longo silêncio, depois que ele disse: ‘Então é isso! Eis o que nunca poderia esperar, que desse naquilo! Isso nunca! uma circunstância como essa! (GOGOL, 2010, p. 19)

Essa experiência negativa se traduz em uma passividade existencial. O personagem sente o esvaziamento da realidade e, conseqüentemente, torna-se apático. A perda do capote representa uma perda de sentido para a vida, um estado de absurdo existencial.

Um segundo momento ocorre quando, após grande esforço, Akáki finalmente adquire um novo capote, vivenciando uma breve alegria. Contudo, ao retornar da festa, sua felicidade é abruptamente interrompida pelo roubo da vestimenta:

Sentiu a vista escurecer e o coração parar. ‘Acontece que esse capote é meu!’ – disse um deles com uma voz troante e agarrou Akáki pela gola. Este quis gritar por socorro, mas o outro lhe esfregou em plena boca o punho do tamanho da cabeça de um funcionário, acrescentando: ‘Inventa só de gritar!’. (GOGOL, 2010, p. 29)

Existe a possibilidade de Akáki superar a experiência negativa e, desse modo, não voltar ao estado inicial, à existência dogmática

e ingênua, e empenhar-se na experiência negativa, buscando extrair de sua dimensão existencial todo o significado que o ser humano possa oferecer. Podemos perceber que, apesar de o personagem ter a alternativa de romper com o comportamento dogmático, essa ruptura não ocorre no primeiro momento. Akáki volta ao estado inicial, e, no segundo momento, a narrativa tem um desfecho com a morte de Akáki, que, na procura incessante pelo capote, termina morrendo de febre.

Podemos perceber que, em dois momentos da narrativa, Akáki tem a possibilidade de ressignificar sua existência e romper com o comportamento dogmático. Mas, em ambos os momentos, quando o personagem vivencia a experiência negativa, que seria a oportunidade para começar a mudar sua vida e deixar de ser um indivíduo passivo, ele continua sem refletir sobre sua existência. Akáki anda como um “barco à deriva”, não reflete sobre a própria vida e muito menos tem uma perspectiva de mudança. Apesar das crises vivenciadas que indicam as mudanças necessárias e os desafios a serem enfrentados, Akáki negligencia esses momentos e continua vivendo apenas como um funcionário comum até sua morte.

REFERÊNCIAS

BORNHEIM, Gerd Alberto. *Introdução ao Filosofar: O Pensamento Filosófico em Bases Existenciais*. 9. ed. São Paulo: Globo, 1998.

GOGOL, Nikolai. *O Capote*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2011.

PLATÃO, *República*. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

ARYANE RAYSA ARAÚJO DOS SANTOS é graduada e mestra em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí-UFPI. Atualmente professora efetiva da SEDUC-PI.